

Elenita Malta Pereira

Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Departamento de História, Guarapuava, PR, Brasil.

elenitamalta@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9835-391X>

Sara Rocha Fritz

Graduanda em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

sarafritz248@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6425-9711>

José Lutzenberger e a divulgação da Teoria de Gaia no plano internacional (década de 1980): leituras a partir de seu acervo privado

José Lutzenberger and the Divuligation of Gaia's Theory at the International Level (in the 1980s): Readings From His Private Papers

RESUMO: José Lutzenberger protagonizou, ao longo de 31 anos (1971–2002), uma forte atuação ambientalista no Brasil e em âmbito internacional, divulgando a ética do convívio ecossustentável. Um dos conceitos que alicerçaram seu pensamento foi “Gaia”, a partir da formulação teórica de James Lovelock. Neste trabalho, analisamos como se deu a participação de Lutzenberger na constituição de fundações que tinham como conceito-base a teoria de Gaia: a *Gaia Foundation* e a *Foundation For Gaia*, na Europa, na década de 1980. A análise está embasada nas fontes do Acervo Privado de José Lutzenberger (APJL): correspondências, folhetos, transcrições de palestras e textos do personagem.

PALAVRAS-CHAVE: José Lutzenberger; Teoria de Gaia; História Ambiental e Biografia.

ABSTRACT: During 31 years (1971–2002), José Lutzenberger played a strong role in environmentalism in Brazil and abroad, promoting the ethics of eco-sustainable coexistence. One of the concepts that underpinned his thinking was “Gaia”, from the theoretical formulation of James Lovelock. In this work, we analyze the participation of Lutzenberger in the constitution of foundations that had as their base the concept of Gaia: the *Gaia Foundation* and the *Foundation For Gaia*, in Europe, in the 1980s. The analysis is based on the documents of the Private Papers of José Lutzenberger (APJL): correspondence, brochures, transcriptions of lectures and his Lutzenberger texts.

KEYWORDS: José Lutzenberger; Gaia's Theory; Environmental History and Biography.

O engenheiro agrônomo José Lutzenberger (1926–2002)¹ protagonizou, ao longo de 31 anos (de 1971 a 2002), uma forte atuação ambientalista no Brasil e em âmbito internacional, divulgando a ética do convívio ecossustentável². Sua militância teve início em 1971, quando largou um emprego como executivo na BASF, por meio do qual residira em diferentes países, para voltar a sua cidade natal, Porto Alegre-RS, onde fundou junto com pessoas preocupadas com a devastação ambiental a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN). No contexto dos chamados “anos de chumbo”, o ambientalismo foi uma voz possível em meio ao arbítrio. Lutzenberger teve espaço na imprensa e nos debates políticos, primeiramente locais, mas em breve nacionais e internacionais. Ao longo dos anos 1980, travou contatos com ambientalistas estrangeiros e foi convidado para diversos eventos, nos quais proferiu palestras, participou de filmes, prestou depoimentos em parlamentos. Toda essa atividade visava denunciar a devastação e divulgar a importância de a humanidade mudar o rumo de sua relação com a natureza. Em sua visão, era necessário estabelecer uma nova ética, ecológica.

Lutzenberger era fluente em cinco línguas (fora alfabetizado em alemão e português, e frequentou cursos de inglês, francês e espanhol) e leitor voraz. Interessava-lhe conhecimento sobre diversas áreas, especialmente biologia e ciência em geral. Um dos conceitos que mais o impactaram foi “Gaia”, a partir da formulação teórica de James Lovelock e Lynn Margulis. Para o autor, o planeta Terra como um todo é um ser vivo e o nome escolhido, Gaia, refere-se à deusa grega da Terra³.

Lutzenberger entrou em contato com a teoria de Lovelock por meio da leitura de seu livro *Gaia*, publicado originalmente em inglês, em 1979. A obra foi enviada pelo amigo Herman Daly, um importante economista ecológico, dos Estados Unidos, a seu pedido⁴.

Em 1982, Lutzenberger e Lovelock se conheceram pessoalmente, num evento sobre ecologia em Cornwall, Inglaterra⁵. Esse tipo de evento era, em geral, organizado por associações e fundações ambientalistas europeias, como, por exemplo, a *Findhorn Foundation*, na Escócia. Durante os anos 1980, também foram criadas a *Gaia Foundation*, a

1. Este artigo faz parte da pesquisa desenvolvida no projeto “José Lutzenberger: Um mediador entre o ambientalismo brasileiro e global (Déc. 1980–1990)”, financiado pelo CNPq (Edital Universal 01/2016). Coordenadora: Profa. Elenita Malta Pereira. Bolsistas do CNPq: Sara Rocha Fritz (Iniciação Científica) e João Davi Minuzzi (Bolsista Técnico).

2. Elenita Malta Pereira. “A construção da ética do convívio ecossustentável pelo ambientalista José Lutzenberger (1971–2002)”. *Tempo & Argumento*. 11–26 (jan./abr. 2019), pp. 7–43.

3. James Lovelock. *Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edições 70, 1987.

4. Acervo Privado de José Lutzenberger (APJL), José Lutzenberger. Carta a Herman Daly. Porto Alegre-RS, 15/03/1981.

5. APJL, José Lutzenberger. Carta a Ed. Porto Alegre, 01/01/1983.

Foundation for Gaia e a *Gaia Trust*, no Reino Unido. Lutzenberger participou como fundador dessas entidades, que foram profundamente influenciadas pela teoria de Gaia.

Neste trabalho, os documentos presentes no Acervo Privado de José Lutzenberger (APJL) são fontes essenciais. Em especial a correspondência, que nos permite mapear alguns dos contatos internacionais importantes de Lutzenberger, que o ajudaram na formulação da *ética do convívio ecossustentável*. Estamos embasadas também em folhetos, transcrições de palestras e textos de Lutzenberger presentes no Acervo. Trata-se aqui de pesquisa financiada pelo CNPq que dá continuidade à tese de doutorado da primeira autora, a qual vem trabalhando com a biografia de Lutzenberger há alguns anos⁶.

O projeto maior visa a elaboração de um estudo articulando os referenciais teórico-metodológicos da Biografia Histórica e da História Ambiental sobre a atuação do ambientalista José Lutzenberger como mediador entre o movimento ambientalista brasileiro e internacional. Partimos da concepção de Alexandre Avelar, que defende a biografia histórica como um *locus* privilegiado de escrita da história, onde seria possível a “revalorização dos atores sociais, alargando nossa compreensão do passado sem tomá-los como uma unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida”⁷.

O exame da trajetória e da produção intelectual de Lutzenberger pode contribuir para o estudo das ideias, valores éticos, percepções e significados atribuídos pelos humanos aos elementos da natureza, uma das possibilidades de investigação da História Ambiental. Aqui, não se estuda Lutzenberger por ele mesmo apenas, mas também para conhecer melhor o movimento de lutas ambientais dos anos 1980–90 a partir de sua figura: é na variação de escalas, do individual para o coletivo que a pesquisa se estrutura, pois, como preconizado por Donald Worster, é no indivíduo que melhor observamos como os processos mais amplos ocorrem na prática⁸. Lutzenberger foi o ambientalista brasileiro com maior projeção internacional, interagindo com organizações privadas e representantes de governos; nesse sentido, sua atuação individual, conectada a seus contemporâneos, permite iluminar aspectos importantes da atuação e do pensamento ambientalista daquele período.

Nossa problemática de pesquisa, neste artigo, parte da seguinte questão: como se deu a participação de Lutzenberger na constituição de fundações que tinham como base a

6. Elenita Malta Pereira. *A ética da convivência ecossustentável: uma biografia de José Lutzenberger*. Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

7. Alexandre Avelar. “A biografia como possibilidade de escrita da história”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, julho 2011.

8. Donald Worster. “Living in Nature: Biography and Environmental History”. In: Timo Myllyntaus (ed.). *Thinking through the Environment. Green Approaches to Global History*. Cambridge: The White Horse Press, 2011, pp. 28–39.

teoria de Gaia, no caso, a *Gaia Foundation* e a *Foundation For Gaia*, na Europa, na década de 1980? Eram fundações dedicadas a apoiar projetos ambientalistas, principalmente nos países do “Sul”. Para dar conta do objetivo de compreender a participação de Lutzenberger nessas entidades, dividimos o artigo em cinco partes. Após esta introdução, abordamos a especificidade do acervo privado e sua importância para as pesquisas em biografia e história ambiental. Na sequência, o foco é o encontro de Lutzenberger com a teoria de Gaia; a seguir, tratamos da divulgação dessa realizada por Lutzenberger no plano internacional; por fim, encerramos com as considerações finais.

O acervo privado como fonte importante para a pesquisa histórica

Segundo o Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), arquivos pessoais

são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas. Essa acumulação resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo. Muitas vezes, principalmente no caso de arquivos privados de pessoas públicas, essa seleção também é feita por auxiliares e, após a morte do titular do arquivo, por familiares e amigos⁹.

Essa definição se aproxima muito do acervo que estamos estudando, o APJL. Nele encontramos diversos conjuntos documentais relacionados à atividade de Lutzenberger como ambientalista, produzidos por ele e terceiros. Em vida, o próprio Lutzenberger realizou uma seleção dos documentos que seriam guardados para a posteridade, no entanto, após sua morte, é uma das filhas que está continuando esse trabalho, Lilly Lutzenberger¹⁰.

Angela de Castro Gomes relaciona o boom de arquivos privados a uma revalorização do indivíduo na história, nas últimas décadas do século XX: “uma revalorização da lógica de suas ações – pautadas em intenções que são escolhas em um campo de possibilidades que tem limites mas oferece alternativas”¹¹. A partir dos anos 1970-1980, com as propostas de

9. CPDOC-FGV. O que são acervos pessoais. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>. Acesso em 01 junho 2019.

10. Lutzenberger foi casado com Annemarie Wilm, com quem teve duas filhas, Lilly e Lara.

11. Angela de Castro Gomes. “Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados”. *Estudos Históricos*, 11 (1998), p. 124.

renovação da chamada “nova história cultural”, da história política, da micro-história e da história social, abriram-se muitas possibilidades de pesquisa historiográfica, em novos objetos, novas fontes, novas perspectivas teórico-metodológicas.

É importante para o nosso caso de estudo mencionar a renovação da biografia, que ao longo do século XX foi deixada de lado por parte dos historiadores, como reação à forma como era conduzida no século XIX (biografia de “grandes homens”, em geral os que ocupavam cargos políticos). O retorno da biografia acontece com a crise dos sistemas estruturalistas, sobretudo nos anos 1980. Benito Schmidt aponta que, além da falência das explicações estruturais, “descarnadas de humanidade”, esse novo interesse nas histórias de vida vem com a massificação da sociedade contemporânea, que leva à busca da individualidade, e com a crise do espaço público, que faz com que as pessoas procurem conhecer a vida de outros sujeitos¹².

Os acervos privados são preciosos para os estudos biográficos – até mesmo indispensáveis –, por abrigarem fontes que nos permitem perseguir as ideias e percepções que embasaram o pensamento de sujeitos, bem como mapear as redes de sociabilidade em que estava inserido nosso personagem. Para Haike Silva, a biografia “não se limita, em seus objetivos, à análise da vida de um indivíduo, mas se propõe partir deste para as redes de relações que o envolvem e das quais faz parte”¹³. No caso deste artigo, é possível entrever uma parte da rede de sociabilidade de Lutzenberger, em âmbito internacional.

Mas, devemos tomar alguns cuidados, como nos alerta Gomes, para não cair “nas malhas do feitiço dos arquivos privados”. Por guardar documentação pessoal, “produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público”, poderíamos ser seduzidos a pensar que “ele revelaria seu produtor de forma ‘verdadeira’: aí ele se mostraria ‘de fato’”. Esse feitiço pode ser evitado, colocando os documentos sob “o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico. Nisso os documentos pessoais em nada diferem de todos os demais documentos históricos”¹⁴.

Em nosso caso de estudo, o arquivo privado de Lutzenberger complementa as ideias, conceitos e representações presentes em seus textos e pronunciamentos públicos. Tratando-se de um personagem que teve ampla repercussão midiática (por meio da publicação de artigos, proferimento de palestras e participação em programas de tv), os

12. Benito Bisso Schmidt. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”. *Anos 90*. 4-6 (dez. 1996), p. 171.

13. Haike Roselane Kleber da Silva. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 34.

14. Angela de Castro Gomes. “Nas malhas do feitiço”, *op. cit.*, p. 126.

documentos do APJL permitem uma compreensão mais aprofundada de seu pensamento e atuação prática, ao possibilitar acesso à sua rede de sociabilidades (troca de ideias por meio de correspondência), mas também a suas leituras (na biblioteca de livros e revistas encontramos os principais autores e obras que o influenciaram), a seus interesses e lutas ambientais (mapeáveis em milhares de recortes de periódicos), a sua atividade política (documentos do período em que foi Secretário Nacional do Meio Ambiente, durante o governo Collor de Melo, 1990–92)¹⁵ e a outros temas na área ambiental (documentos produzidos por ele e terceiros sobre inúmeros assuntos).

Vanildo Pereira Pontes lembra que o arquivo pessoal pode ser estudado como uma das formas de escrita de si: “a pessoa seleciona documentos – desde aqueles mais pessoais até aqueles relacionados à vida pública, passando por fotografias, coleções, objetos e correspondências – com o objetivo de compor relatos de suas histórias de vida”¹⁶. Em nosso caso, o acervo estudado abriga, majoritariamente, documentos relacionados à vida pública de Lutzenberger como ambientalista. Nesse sentido, é muito valioso para compreender sua trajetória nesse movimento social, as nuances e mudanças em seu pensamento frente às temáticas ambientais que tratou em vida.

No APJL encontramos muitas cartas, algumas delas citadas neste artigo. As cartas são também importantes fontes para as biografias e para a história ambiental. Como qualquer outro tipo de fonte, sua crítica se faz necessária. De acordo com Rejane Silva Penna e Cleusa Maria Graebin, devemos ter em conta que as cartas “não são apenas veículos que propiciam encontro de pessoas fisicamente distantes, ao circular informação. A natureza e o conteúdo das cartas produzem sensações, mexem com o estado emocional tanto do autor quanto do destinatário”¹⁷.

Mais uma vez, é Angela de Castro Gomes que nos alerta: a carta, como documento, “não trata de dizer ‘o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”¹⁸. A correspondência é um dos tipos de “práticas de produção de si”: através desses tipos de práticas culturais, como a escrita de cartas, de autobiografias e diários, “o indivíduo moderno está constituindo uma identidade

15. Esse é um tema importante na trajetória de Lutzenberger, tratado em nosso projeto maior e objeto de publicação futura, mas que não faz parte da problemática do presente artigo.

16. Vanildo Pereira Pontes. “A construção da memória através de um arquivo pessoal: o caso do arquivo do poeta Alberto de Moura”. Páginas *a&b*, 3 (2015), p. 101.

17. Rejane Silva Penna e Cleusa Maria Graebin. “Acervos Privados: indivíduo, sociedade e história”. *Saeculum*, 23 (2010), p. 130.

18. Angela de Castro Gomes. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: Idem (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 14.

para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado”¹⁹. Além disso, a correspondência é uma prática “eminentemente relacional”, ela “implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê”. Escrever cartas é “dar-se a ver” a um outro, “uma forma de presença muito especial”²⁰.

Christophe Prochasson apresenta uma proposta de análise de correspondência para os historiadores. Para ele, é necessário “romper a inevitável relação afetiva que se estabelece entre o historiador e seu material epistolar”, isso passa pela “objetivação desse material, pela sua construção como fonte. A separação das correspondências por gênero ou por categorias socioculturais é aparentemente um dos caminhos mais eficazes”²¹. Rejane Silva Penna e Cleusa Maria Graebin também recomendam “que se deva observar o ‘lugar social’ de quem escreve: a posição ocupada pelo missivista, num dado momento, no campo intelectual e político”²²

A correspondência de um indivíduo revela suas interações, troca de ideias, propostas em diálogo com sua rede sociabilidade. As cartas permitem traçar um esboço da rede de relações de seus titulares²³. É nesse sentido que, neste artigo, consideramos os documentos dos acervos pessoais, especialmente as cartas, como fontes importantíssimas para a história ambiental. No nosso caso de estudo, valemo-nos de uma seleção das correspondências e demais documentos contidos no APJL. Tratando-se de um agente de intenso trânsito nacional e internacional, que influenciou o movimento ambientalista por meio de obras diversas, esse acervo nos permite acessar, entre outras possibilidades, a construção do pensamento de Lutzenberger sobre a ética humana em sua relação com a natureza, manifesta na teoria de Gaia. A seguir, vamos abordar brevemente o contato de Lutzenberger com essa teoria e seu impacto nas ideias de Lutzenberger.

A teoria de Gaia e Lutzenberger

Em 1983, Lutzenberger deixou a presidência da AGAPAN e passou a se dedicar a projetos de reciclagem (ele havia criado uma empresa dedicada a essa atividade) e à

19. Idem, p. 11.

20. Idem, p. 19.

21. Christophe Prochasson, “Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas”. *Estudos Históricos*, 11 (1998), p. 112.

22. Rejane Silva Penna e Cleusa Maria Graebin, “Acervos Privados: indivíduo, sociedade”, *op. cit.*, p. 131.

23. Giselle Martis Venancio, “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna”. *Estudos Históricos*, 28 (2001), p. 32.

militância internacional. Em outubro desse ano, participou de importante evento, o 3º World Wilderness Congress, realizado em Findhorn, na Escócia. Na ocasião, proferiu conferência sobre a devastação da Amazônia, luta em que estava engajado naquele momento.

Em Findhorn, criticou megaprojetos na região amazônica promovidos pelos governantes da ditadura civil-militar como as principais causas de destruição da floresta. No entanto, aprofundando a questão, teceu importante crítica a respeito da concepção corrente de desenvolvimento, essa sim a principal responsável pela ética que embasava todas as formas de destruição ambiental. Lutzenberger disse na conferência que

o que nós chamamos de desenvolvimento hoje é fundamentalmente incompatível com sobrevivência e justiça social. O desenvolvimento em si mesmo é um desastre, porque significa usar e consumir natureza, não viver em harmonia com ela. Nós devemos questionar os dogmas dessa fanática religião que nós vivemos, a religião do progresso e da tecnocracia²⁴.

O discurso de Lutzenberger teve grande aceitação em Findhorn, onde uma comunidade alternativa se instalara em 1962, criada pelo casal Peter e Eileen Caddy e por Dorothy Maclean. Inicialmente, os três buscaram isolar-se para encontrar um “caminho espiritual”. Plantaram uma horta no local, a qual começou a chamar a atenção de pessoas que passaram a visitá-los e, nos anos 1970, a comunidade se estruturou no formato de uma ecovila²⁵.

A Findhorn Foundation publicou a conferência de Lutzenberger, um dos capítulos do livro *Wilderness: The way ahead*²⁶, e patrocinou idas dele para palestrar na Escócia. Numa dessas ocasiões, falou sobre a teoria de Gaia, recebida com grande sucesso pelos ouvintes. Lutzenberger travou contato com seu autor, o químico inglês James Lovelock, por volta de 1985, numa de suas viagens à Europa. Em correspondência, mencionou tê-lo encontrado em Cornwall (Cornualha, Inglaterra), quando o cientista demonstrara estar “tremendamente preocupado com o que está acontecendo em todas as florestas tropicais úmidas, especialmente na Amazônia”²⁷. Certamente, esse foi o interesse comum que os aproximou, no primeiro momento.

24. José Lutzenberger. “Brazilian wilderness: A problem or a model for the world?” In: Vance Martin e Mary Inglis. *Wilderness: The Way Ahead*. Scotland and USA: The Findhorn Press, 1984, p. 46.

25. Findhorn Foundation. *About us*. Disponível em: <<https://www.findhorn.org/about-us/>>. Acesso em 09 jun. 2019.

26. José Lutzenberger. “Brazilian wilderness”, *op. cit.*

27. APJL, José Lutzenberger. Carta a Eneas Salati. Porto Alegre, 28/03/1986.

Lovelock afirmou que “Gaia” surgiu como uma hipótese científica no final dos anos 1960, resultado de suas pesquisas para a NASA, que o contratou como consultor para projetos de procura de vida em Marte em 1964. Na NASA, Lovelock participou de uma série de experiências para identificar como seria a vida em Marte, partindo do pressuposto de que ela se desenvolveria em condições idênticas às da Terra. Insatisfeito com os resultados, depois de um ano, ele começou a questionar se “o estilo de vida em Marte, se é que existe, se revelará segundo o estilo de vida na Terra?”, e, mais profundamente, passou a perguntar-se sobre o próprio estatuto da vida: “o que é a vida, e como seria possível reconhecê-la?”²⁸.

Lovelock deixou a NASA e prosseguiu com as pesquisas com financiamento da Shell, em 1966. Nessa nova pesquisa, o químico inglês pôde “esquecer Marte” e concentrar-se na Terra e na natureza de sua atmosfera. O primeiro resultado desses estudos foi que “toda a variedade de matéria viva na Terra, das baleias aos vírus, dos carvalhos às algas, poderia ser encarada como constituindo uma única entidade viva, capaz de levar a atmosfera da Terra a adequar-se às suas necessidades gerais e dotada de faculdades e poderes superiores aos das suas partes constituintes”²⁹.

O nome “Gaia” foi sugerido pelo escritor inglês William Golding, “sem hesitações”. Gaia, também conhecida por Ge, era a deusa da Terra, ou “Mãe Terra”, na mitologia grega. Em 1969, Lovelock apresentou o conceito pela primeira vez, num evento sobre as origens da vida na Terra, nos EUA, quando chamou a atenção da bióloga Lynn Margulis. A partir de 1970, ela passou a colaborar com Lovelock nas pesquisas e ambos avançaram para a definição de Gaia

como uma entidade complexa que abrange a biosfera, atmosfera, os oceanos e o solo da Terra; na sua totalidade, constituem um sistema cibernético ou de realimentação que procura um meio físico e químico ótimo para a vida neste planeta. A manutenção e condições relativamente constantes por controle ativo pode ser convenientemente descrita pelo termo homeostase³⁰.

Lutzenberger já havia lido o livro de Lovelock e ficou fascinado com a teoria de Gaia, a ponto de tornar-se seu divulgador na Europa e no Brasil. Escreveu um artigo intitulado “Gaia”, que enviou para várias pessoas de sua correspondência³¹, posteriormente publicado

28. James Lovelock. *Gaia: um novo olhar*, op. cit., p. 18.

29. Idem, p. 25.

30. Idem, p. 27.

31. Lutzenberger enviou carta com o artigo em anexo para ambientalistas, professores e colegas engenheiros agrônomos, como eram Augusto Ruschi (Naturalista e Eng. Agrônomo, Santa Teresa-ES), Eneas Salati (Eng. Agrônomo, INPA, USP, Piracicaba-SP), Alfredo Stange (Eng. Agrônomo, ES), entre outros.

no livro *Gaia: O Planeta Vivo (Por um caminho suave)*, em 1990. Na introdução da obra, afirmou: “Quando me vi confrontado com o conceito de Gaia como ele [Lovelock] o apresenta, me aconteceu o que várias vezes sucedeu com ouvintes em palestras minhas, os quais vinham me dizer ‘tudo o que o senhor falou eu já sabia, eu sentia, mas não conseguia articular tão bem e tão claro’”³².

Em linguagem acessível, visando divulgar o conceito, Lutzenberger (1990) afirmou que Lovelock e Margulis inverteram o enfoque convencional, “segundo o qual a vida existe na Terra porque a Terra reúne e mantém as condições certas. *Se a Terra oferece condições adequadas, é porque a Vida assim as mantém!* [Itálico do autor]”. Seu artigo “Gaia” reforça os pressupostos científicos que embasam a teoria, como a própria fotossíntese, que pressupõe a complementaridade entre planta e animal (um não existiria sem o outro: sem plantas e algas, não haveria o oxigênio necessário à respiração; sem animais para consumir o oxigênio, o excesso desse gás causaria incêndios que exterminariam a vida).

Lutzenberger, um divulgador internacional da teoria de Gaia

Entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, a trajetória ambientalista de Lutzenberger vai, cada vez mais, voltando-se para a atuação internacional. Desde 1981, ele havia participado da série para TV “A década da destruição”, do cineasta Adrian Cowell³³. Muitos membros da *Findhorn Foundation* assistiram aos filmes e o convidaram para ingressar na sociedade. Em outubro de 1984, Lutzenberger foi o orador principal no evento “The New Economic Agenda”, realizado também em Findhorn, sobre o tema “economia Gaiana”. Segundo o cartaz de divulgação do evento, a relação entre ecologia e economia se dava da seguinte forma:

Economia em seu sentido original se refere a gestão sábia da casa. É muito aparente que nosso atual sistema econômico perdeu de vista essa simples verdade. À medida que países inteiros oscilam na beira da falência e milhões são privados do direito fundamental de assegurar um lugar para viver, iniciativas estão surgindo mundialmente, com a intenção de corrigir

32. José Lutzenberger. *Gaia: o planeta vivo*. Porto Alegre: LP& M, 1990, pp. 8-9.

33. A atuação de Lutzenberger nessa série e seus impactos na luta pela Amazônia foram abordados em artigo: Elenita Malta Pereira. “A década da destruição da Amazônia: José Lutzenberger e a contrarreforma agrária em Rondônia” (anos 1980). *História Unisinos*, 21-1 (janeiro/abril 2017), pp. 26-37.

desequilíbrios e redefinir a economia dentro de uma perspectiva mais ampla sensitiva as preocupações humanas, ecológicas e éticas³⁴.

Essas reflexões fazem parte da chamada economia ecológica. Essa é uma corrente dentro da economia que surgiu a partir do final dos anos 1960, “como um novo esforço da ciência para a gestão da sustentabilidade. Baseada na teoria geral de sistemas, matemáticas não-lineares, e na economia enquanto ciência da vida, a economia ecológica impõe a necessidade de uma visão holística e transdisciplinar no estudo dos sistemas ecológicos e econômicos”³⁵. Lutzenberger transitou por esse campo, influenciado pela leitura das obras de autores importantes da área, como Nicholas Georgescu-Roegen, Herman Daly (com quem trocou correspondência) e Ernst Schumacher³⁶.

Ele respondeu ao convite feito por François Duquesne (diretor da Findhorn Foundation), agradecendo e dizendo ter ficado muito feliz com a escolha do tema, pois já fazia a relação entre os aspectos filosóficos da Ecologia com a crítica do “quão perverso nosso pensamento econômico convencional e o paradigma da tecnocracia são”³⁷.

No ano seguinte, foi publicado livro com as palestras do evento³⁸, entre elas a de Lutzenberger, intitulada “Economia Gaiana”, em que ele divulgava a teoria de Lovelock, relacionando-a com o sistema econômico vigente, baseado em dogmas que levavam a destruição do ambiente. Para Lutzenberger, a Economia Gaiana seria “um modelo econômico totalmente novo, um que abandone as falácias do pensamento tecnocrata e seja baseada no pensamento ecológica no lugar, um modelo que inclua reciclagem perfeita e que use apenas a energia que realmente temos, a energia solar”³⁹.

Ele percebia essa economia dentro de um arcabouço filosófico-religioso:

Acima de tudo, precisamos de uma nova religião – uma de reverencia a vida, como aquela pregada por Albert Schweitzer e São Francisco, e como aquela praticada por muitas das antigas

34. APJL, Findhorn Foundation. Cartaz “The new economic agenda”. Findhorn, Escócia, 13 a 20 de outubro de 1984. Enviado por Vita de Wall a Lutzenberger.

35. Gilberto Montibeller, Gláucia Souza, Kelly Bólla. “Economia ecológica e sustentabilidade socioambiental”. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*, 23 (2012), p. 28.

36. A forma como Lutzenberger se apropriou da leitura dessas obras, dialogando com seus autores, foi tema de artigo: Elenita Malta Pereira. “A economia como um capítulo da ecologia: a economia ecológica no pensamento do ambientalista José Lutzenberger”. *Diálogos Latinoamericanos*. Lacua, Dinamarca. 25 (dez. 2016), pp. 5-18.

37. APJL, José Lutzenberger. Carta a François Duquesne. Porto Alegre, 11/03/1984.

38. Mary Inglis e Sandra Kramer (org.). *The New Economics Agenda*. Fidhorn: Forres (Escócia), 1985.

39. José Lutzenberger. “Gaian economics”. In: Mary Inglis e Sandra Kramer (org.). *The New Economics agenda, op. cit.*, pp. 154-166.

culturas não-Cristãs como a dos ameríndios, que acreditavam que todos os aspectos do mundo natural eram importantes e que eles próprios eram parte do todo da vida. É a religião de Gaia que precisamos, através da qual poderemos aprender a nos ver não como os conquistadores da natureza, mas como seus mordomo⁴⁰.

Lutzenberger não era religioso; embasado em artigo de Lynn White⁴¹ criticava a herança judaico-cristã, considerada por ele a responsável pela crise ambiental. Era admirador de Albert Schweitzer e divulgador de sua “ética da reverência pela vida”. Tinha uma visão idealizada dos indígenas, como integrados ao ambiente e incapazes de destruí-lo. A perspectiva de Gaia, para ele, era tão importante, que deveria ser tomada como religião, levando a humanidade a atuar para servir à Gaia, e não para dominar e conquistar os elementos naturais. Tal pensamento é a base de sua crítica ao antropocentrismo e defesa de uma ética ecocêntrica⁴².

Por meio da série de Cowell e dos eventos em Findhorn, Lutzenberger se tornou conhecido entre ambientalistas europeus. Com essa visibilidade, foi convidado a participar de duas novas fundações europeias, a *Gaia Foundation* (1984) e a *Foundation for Gaia*, ambas criadas no Reino Unido (1985).

No caso da *Foundation for Gaia*, seu nome foi escolhido por votação como um “participante fundador”, ou sócio fundador⁴³. Em 1986, a troca de correspondência entre Lutzenberger e Vita de Wall, uma das diretoras da *Foundation for Gaia*, nos permite entrever o aumento dos compromissos internacionais do ambientalista. Em 19/01/1986, ele conta que o convenceram a fazer três palestras no mesmo dia em Londres⁴⁴. Na carta de 29/03/1986, menciona que até junho precisaria ir duas vezes à Amazônia, viajar para Londres e para o Equador⁴⁵. Já em 30/06/1986, relata que a reunião em Londres, entre 16 e 18 de junho, a convite do Banco Mundial, sobre os empréstimos concedidos por este à construção da estrada BR 364, que estava causando grande dano ambiental e aos povos

40. José Lutzenberger. “Gaian economics”, *op. cit.*

41. Lynn White. The historical roots of our ecological crisis. *Science*, vol. 155, n° 3767, 10/03/1967.

42. Para aprofundar o pensamento de Lutzenberger e a ética do convívio ecossustentável, ver Elenita Malta Pereira. *A ética da convivência ecossustentável*, *op. cit.*

43. APJL, Vita de Wall. Carta a José Lutzenberger. Forres, Escócia, 09/10/1985.

44. APJL, José Lutzenberger. Carta a Vita de Wall. Porto Alegre, 19/01/1986.

45. APJL, José Lutzenberger. Carta a Vita de Wall. Porto Alegre, 29/03/1986.

indígenas originários de Rondônia e Acre, fora adiada para outubro⁴⁶. Em 25 de setembro, ele iria a Washington para uma conferência sobre o tema⁴⁷:

Todos os empréstimos do Banco Mundial, até onde podemos ver são perniciosos, ambiental e socialmente. Já tive uma vitória com uma audiência em Washington em 1984, onde consegui que eles cortassem os 257 milhões de dólares restantes do empréstimo de 450 milhões de dólares para nossa agência colonizadora da construção de uma estrada no território indígena. Mais tarde o Banco retomou esse empréstimo. Foi o bastante para nosso Governo enviá-los um relatório hipócrita. Então retomamos nossa batalha. Enquanto isso ajudamos os indígenas e os seringueiros a se organizarem. Agora eles têm a União dos Povos Indígenas e o Congresso Nacional dos Seringueiros. Essa é uma nova situação política que nosso Governo e o Banco Mundial não podem ignorar. Indígenas e seringueiros estão agora lutando juntos para salvar sua floresta. Organizamos duas grandes reuniões com mais de 400 indígenas e seringueiros⁴⁸.

O relato dessas atividades deve ter causado grande impacto na associação. Vita de Wall convida Lutzenberger para a reunião de associados que se realizaria em outubro na *Foundation for Gaia*⁴⁹. Nesse encontro, ficou decidido que a entidade apoiaria o trabalho de Lutzenberger financeiramente: “Esse ano nós decidimos ajudar José Lutzenberger em sua enorme tarefa de preservar a floresta tropical brasileira e seu trabalho em formular propostas alternativa para as políticas de empréstimo do Banco Mundial”⁵⁰.

É possível perceber o impacto da teoria de Gaia nesse círculo de relações de Lutzenberger, já nos nomes escolhidos para as fundações. Em folder de divulgação, consta que “a Gaia Foundation, fundada em 1984, é preocupada em aumentar nosso conhecimento da Terra como um todo vivo, do qual fazemos parte”⁵¹.

46. APJL, José Lutzenberger. Carta a Vita de Wall. Porto Alegre, 30/06/1986.

47. Tratava-se da *Citizens' Conference on Tropical Forests, International Environment and the World Bank*, realizada entre 28 e 30 de setembro de 1986. É importante mencionar a atuação do líder seringueiro Chico Mendes “na chamada ‘campanha dos bancos’, que criticava o modelo estimulado pelo Banco Mundial e outros organismos multilaterais nos países periféricos”. Henri Acselrad. “Paradoxos da ambientalização do Estado brasileiro: liberalização da economia e flexibilização das leis”. In: Ana Clara Torres Ribeiro, Ester Limonad e Paulo Pereira de Gusmão (org.). *Desafios ao planejamento: produção da metrópole e questões ambientais*. Rio de Janeiro: Letra Capital/ANPUR, 2012, p. 116. Junto com Lutzenberger, na Conferência em Washington, estava presente o líder indígena era Ailton Krenak, que “leu uma declaração em nome da Aliança Amazônica dos Povos da Floresta, dirigida ao Banco Mundial e ao Banco Interamericano”. Mary Helena Allegretti. *A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento de seringueiros*. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental, Universidade de Brasília, 2002, pp. 516-517.

48. APJL, José Lutzenberger. Carta a Vita de Wall. Porto Alegre, 30/06/1986.

49. APJL, Vita de Wall. Carta a José Lutzenberger. Forres, Escócia, 16/07/1986.

50. APJL, Vita de Wall. Carta para Lutzenberger. Forres, Escócia, 05/12/1986.

51. APJL, Gaia, Folheto da *Gaia Foundation*, S/D.

Em convite para o evento “One Earth: A Call to Action”, a ser realizado entre 11 e 18 de outubro de 1986, Vita de Wall explica um pouco mais sobre a visão holística e o conceito de Gaia que embasava as atividades da *Foundation for Gaia*:

No mundo todas muitas pessoas estão desenvolvendo um entendimento comum que nosso planeta é um ser vivo. Chamada de Gaia por causa da Deusa Grega da Terra esse ser é composto e sustentado por ecossistemas interconectados da natureza e a consciência de todos os seres vivos. Tal perspectiva fornece uma base espiritual para uma nova relação holística com toda a natureza, e é um ponto de síntese entre vários diferentes campos do esforço e estudo humano. O evento trará indivíduos e grupos que foram inspirados por essa nova visão da Terra em suas próprias vidas, a compartilhar suas experiências e respostas, e para soar uma mesma nota na construção de um futuro positivo juntos⁵².

Tanto a *Gaia Foundation* como a *Foundation for Gaia* eram dedicadas a arrecadar fundos para financiar projetos e atividades de “pensadores e praticantes que estão aplicando princípios holísticos em seu trabalho [pelo] bem-estar do nosso planeta vivo”⁵³. A intenção era constituir uma *Gaia network* (rede Gaia), em que a fundação identificaria pessoas criativas e inovadoras, principalmente do ‘Sul’, que teriam apoio financeiro e assistência em seus projetos por parte de indivíduos, organizações e empresas do ‘Norte’ “que desejassem colocar seu dinheiro de caridade de um modo mais conscientizado e rigoroso”⁵⁴.

Lutzenberger era considerado uma dessas pessoas alvo de ajuda do ‘Norte’. No APJL constam documentos que mostram várias doações para Lutzenberger realizar sua militância ecológica. Uma menção recorrente era a necessidade de contribuir com o pagamento de uma secretária bilíngue para o ambientalista, já que ele se envolvia em tantos compromissos que era difícil cuidar da correspondência, escrita de textos e outras atividades decorrentes de sua militância. Pudemos verificar que essa ajuda se efetivou entre 1988 e 1990, no pagamento dos salários de uma secretária. Além disso, houve doações para a fundação que o próprio Lutzenberger constituiu em 1987, a Fundação Gaia, localizada em Pantano Grande-RS, em funcionamento até a atualidade⁵⁵.

52. APJL, Vita de Wall. One Earth: A call to action. Forres, Escócia, S/D.

53. APJL. Gaia Foundation. The life and work of José Lutzenberger, Brazil’s leading environmentalist. Londres, 1988, 28 f. Livro impresso, p. 23.

54. Idem.

55. Para saber mais: <http://www.fgaia.org.br/> Acesso em 09 junho 2019.

Essa parceria com as fundações provavelmente também ajudou no recebimento do *Right Livelihood Award* (Prêmio Nobel Alternativo). Em 1985, os membros fundadores da *Foundation for Gaia*, Vita de Wall e Edward Goldsmith, indicaram o nome de Lutzenberger para esse prêmio⁵⁶. A honraria veio três anos mais tarde, em 1988.

A colaboração de Lutzenberger com as fundações diminuiu bastante nos anos 1990, devido ao cargo que ocupou como Secretário do Meio Ambiente, durante o governo Collor (1990–92) e aos compromissos assumidos como empresário de tecnologias limpas, na empresa por ele fundada desde 1979, a Vida Produtos e Serviços em Desenvolvimento Ecológico. A última viagem de Lutzenberger a Findhorn se deu em 1999, no evento “A call to peace”, patrocinado pela UNESCO e coordenado pela Findhorn e a Universidade Holística Internacional. Na ocasião, ele proferiu a palestra “O Contexto da Paz – sociedade e meio ambiente”⁵⁷.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior sobre Lutzenberger em andamento, portanto, aqui trazemos conclusões parciais. Nosso personagem tornou-se conhecido na Europa pela visibilidade da série “A década da destruição”, assistida por uma grande audiência, e também pela participação em eventos sobre agricultura ecológica e em defesa da Amazônia. A partir da leitura do livro de Lovelock, no início dos anos 1980, Lutzenberger passou a ser um defensor da teoria de Gaia. Esses fatores levam-no a ser convidado para participar de fundações europeias, criadas com o objetivo de angariar fundos para financiar a defesa ambiental nos países em desenvolvimento.

Essas entidades eram guiadas pela teoria de Gaia, acreditando na proposta de que a Terra era um ser vivo em toda sua complexidade. Essa repercussão da teoria de Lovelock mostra como ela foi bem aceita por grupos ambientalistas internacionais, no caso de estudo, Inglaterra e Escócia.

Lutzenberger teve participação esparsa nessas entidades, sendo convidado para eventos em que atuou como divulgador da teoria de Gaia e de uma economia ecológica, ou “Economia Gaiana”. Em troca, recebeu verba para pagar o salário de duas secretárias, durante dois anos (1988–1990), o que foi de grande ajuda em seu trabalho. Essa relação com as fundações europeias trouxe também ainda mais reconhecimento para sua militância, contribuindo para que recebesse o Prêmio Nobel Alternativo e fosse convidado para ser Secretário do Meio Ambiente de Collor, em 1990.

56. APJL, Vita de Wall. Carta a José Lutzenberger. Forres, 18/09/1985.

57. APJL, Jocelyn. E-mail para Lutzenberger (Impresso), 10/12/1998.

O uso das fontes do acervo privado de Lutzenberger, em especial as correspondências, revela que uma parte da rede de sociabilidades tecida pelo personagem estava ligada aos membros das associações de divulgação da teoria de Gaia. Por meio das relações com seus diretores e associados, ele conseguiu projeção internacional e apoio financeiro para continuar atuando em suas lutas ambientalistas, com destaque para a defesa da Amazônia.

Dessa forma, Lutzenberger e os membros das fundações estabeleceram uma relação com um objetivo em comum: contribuir para a divulgação da teoria de Gaia. Em sua visão, divulgar essa mensagem era importante para que uma mudança ética ocorresse, capaz de, nas palavras de Lutzenberger, “parar a demolição” da natureza. A partir disso, uma séria transformação nos processos produtivos poderia dar uma chance à vida como um todo, inclusive a humana.

Referências

- ACSELRAD, Henri. “Paradoxos da ambientalização do Estado brasileiro: liberalização da economia e flexibilização das leis”. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres, LIMONAD, Ester e GUSMÃO, Paulo Pereira de (org.). *Desafios ao planejamento: produção da metrópole e questões ambientais*. Rio de Janeiro: Letra Capital/ANPUR, 2012.
- ALLEGRETTI, Mary Helena. *A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento de seringueiros*. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental, Universidade de Brasília, 2002.
- AVELAR, Alexandre. “A biografia como possibilidade de escrita da história”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462_aea84bdd7b276d31370cd7edf2c10851.pdf. Acesso em 15 janeiro 2020.
- GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: Idem (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOMES, Angela de Castro. “Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados”. *Estudos Históricos*, 11, pp. 121-127, 1998.
- INGLIS, Mary e KRAMER, Sandra (org.). *The New Economics Agenda*. Fidhorn: Forres (Escócia), 1985.
- LOVELOCK, James. *Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- LUTZENBERGER, José. “Brazilian wilderness: A problem or a model for the world?”. In: Vance Martin e Mary Inglis. *Wilderness: The Way Ahead*. Scotland and USA: The Findhorn Press, 1984.
- LUTZENBERGER, José. “Gaian economics”. In: Mary Inglis e Sandra Kramer (org.). *The New Economics Agenda*. Fidhorn: Forres (Escócia), 1985. pp. 154-66.
- LUTZENBERGER, José. *Gaia: o planeta vivo*. Porto Alegre: LP& M, 1990.
- MONTIBELLER, Gilberto, SOUZA, Gláucia e BÔLLA, Kelly. “Economia ecológica e sustentabilidade socioambiental”. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*, 23, pp. 25-35, 2012.

- PENNA, Rejane Silva e GRAEBIN, Cleusa Maria. “Acervos Privados: indivíduo, sociedade e história”. *Saeculum*, 23, pp. 123-133, 2010.
- PEREIRA, Elenita Malta. “A construção da ética do convívio ecossustentável pelo ambientalista José Lutzenberger (1971-2002)”. *Tempo & Argumento*. 11-26, pp. 7-43, jan./abr. 2019.
- PEREIRA, Elenita Malta. “A década da destruição da Amazônia: José Lutzenberger e a contrarreforma agrária em Rondônia” (anos 1980). *História Unisinos*, 21-1, pp. 26-37, janeiro/abril 2017
- PEREIRA, Elenita Malta. “A economia como um capítulo da ecologia: a economia ecológica no pensamento do ambientalista José Lutzenberger”. *Diálogos Latinoamericanos*. Lacua, Dinamarca. 25, pp. 5-18, dez. 2016.
- PEREIRA, Elenita Malta. *A ética da convivência ecossustentável: uma biografia de José Lutzenberger*. Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- PONTES, Vanildo Pereira. “A construção da memória através de um arquivo pessoal: o caso do arquivo do poeta Alberto de Moura”. Páginas *a&b*, 3, pp. 101-118, 2015.
- PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas”. *Estudos Históricos*, 11, pp. 105-120, 1998.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”. *Anos 90*. 4-6, pp. 165-192, dez. 1996.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da Silva. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- VENANCIO, Giselle Martins. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna”. *Estudos Históricos*, 28, pp. 23-47. 2001.
- WHITE, Lynn. The historical roots of our ecological crisis. *Science*, vol. 155, nº 3767, pp. 1203-1207, 10/03/1967.
- WORSTER, Donald. “Living in Nature: Biography and Environmental History”. In: Timo Myllyntaus (ed.). *Thinking through the Environment. Green Approaches to Global History*. Cambridge: The White Horse Press, pp. 28-39, 2011.

Artigo recebido em 5 de setembro de 2019.

Aprovado em 2 de dezembro de 2019.